

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**KARLA CHAVES DE SOUSA**

**A POETIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO CERRADO NO CONTEXTO DA LITERATURA: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

**Goiânia**

**2020**

**A POETIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO CERRADO NO CONTEXTO DA LITERATURA: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Trabalho final apresentado como requisito para conclusão do curso de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Prof.Me. Roberto Malheiros

**Goiânia**

**2020**

**KARLA CHAVES DE SOUSA**

**A POETIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO CERRADO NO CONTEXTO DA LITERATURA: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Trabalho final apresentado como requisito para conclusão do curso de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Prof.Me. Roberto Malheiros

Aprovado em \_\_\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_

Nota \_\_\_\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

ProfªDrª Nicali Bleyer Ferreira dos Santos

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof Me Gitair Moreira dos Santos

**DEDICATÓRIA**

 Ao lançar âncoras a esse porto intermediário da jornada, lembro-me de que a chegada ao ponto pretendido, não seria possível sem o apoio de pessoas e iniciativas governamentais, as quais, deixo meus sinceros agradecimentos e dedico o referido trabalho. Muitos contribuíram para a realização desse sonho, mas gostaria de ressaltar especialmente:

 Ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, que acreditou em mim quando nem eu acreditava, cujo sonho da docência, nasceu em seu coração e posteriormente foi concebido ao meu, com objetivos cujo aos olhos humanos é incompreendido.

 Ao Felipe Oliveira, colega de trabalho outrora, que com todo seu conhecimento, empatia e solidariedade, foi o primeiro a me incentivar quando ninguém mais o fez, quando minha realidade de vida dizia, que não era possível. Obrigada Felipe, por tamanha hombridade e carinho!

 A minha querida Mãe, protagonista da minha história, a leoa que ao ver minhas ondas de exaustão, tomava à frente como uma heroína, me apresentava balsamos de amor e esperança de dias melhores.

 Ao meu querido amigo Eduardo Henrique, cuja disciplina, hombridade e humanidade se fez presente em minha árdua caminhada, fazendo com que esse caminho ganhasse tons do arco-íris, como daquele sinal cuja promessa fora feita por Deus ao seu povo. Devo meu riso, o colorido dos meus dias, e parte da minha performance acadêmica a você.

 Agradecimento a mim mesma, a Karla cuja força, dedicação e estabilidade emocional fora colocado em prova, prova de fogo, em toda jornada. A Karla sonhadora, a filha, a leal amiga e escritora na imersão, aquela mulher forte, que todos os dias quando saia para as aulas, não sabia se iria voltar para a casa, pelo simples fato de ter um alvo nas costas: o de SER MULHER. Te agradeço minha menina Karla, por ser maior e se fazer maior diante de tudo e todos, por vencer os paradigmas misóginos sociais, e conquistar mais um salto em sua carreira.

 Aos meus queridos Professores, que foram para além de seus cargos: foram humanos. Certamente, essa composição pedagógica é a mais unida, bem humorada e a mais forte que já conheci, obrigada pela intensa dedicação, por se reinventarem a cada dia, por nos apresentar lugares incríveis.

 Ao meu Orientador e Professor, Sr. Dono do Cerrado (somente minha opinião importa haha) Roberto Malheiros, cuja atenção, paciência e conhecimento, foram imprescindíveis para realização do vigente trabalho. Obrigada por ser um Mestre com toda carga do termo, do nosso Cerrado, enriquecendo as aulas do Curso de Geografia de uma forma única, criativa e eficaz.

 Á Organização das Voluntariadas de Goiás e ao Prouni, pelo apoio durante a jornada.

Periquito voa aos bandos em cima do pé de manga

No Cerrado é só sair, encher as mãos de pitanga...

Tem guapeva lá no mato, no brejinho tem ingá

No campo tem curriola, murici e araçá...

Tem nos pés de marmelada

Depois que passa a pinguela

Subindo pro cerradinho

Mangaba e mamacabela...

Hamilton Carneiro

**Resumo**

O presente trabalho traz uma proposta metodológica de associar o ensino de Geografia na fase do Ensino Fundamental II, a Literatura por intermédio de fragmentos de textos ou poemas que tenham como tema motivador, o bioma Cerrado. A temática foi escolhida a partir de uma reflexão que pudesse complementar as práticas didáticas já utilizadas para o ensino de Geografia, sem a pretensão de aniquilar as existentes. O trabalho ora apresentado inicia com a descrição e valorização do cerrado para dar sentido a motivação do tema e conteúdos desenvolvidos, assim como está contemplado a literatura e suas interfaces que são pouco conhecidas no campo da geografia e quase nunca utilizadas como apoio no ensino dessa ciência. Estão demonstrados também duas categorias utilizadas nos estudos de geografia que se encaixam perfeitamente na temática abordada, a saber, “espaço” e o “lugar”, escolhidas por situarem a sociedade e suas ações da forma de sustentação dessa pesquisa recheada de fragmentos geográficos que disponibiliza ao professor uma imensidão de oportunidades para trabalhar a sua criatividade. A metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos, se baseou em levantamentos bibliográficos referentes ao assunto, uma vez que o trabalho não realizou nenhum tipo de experimentação ou diagnóstico. Portanto, espera – se que o trabalho realizado possa servir como norteador de uma nova metodologia interativa a ser utilizada pelos professores de geografia.

**Palavras-Chave:** Geografia, ensino, poesia, metodologia, ensino fundamental.

**ABSTRACT**

The present work brings a methodological proposal to associate the teaching of Geography in the phase of Elementary Education II, Literature through fragments of texts or poems whose motivating theme is the Cerrado biome. The theme was chosen from a reflection that could complement the didactic practices already used for teaching Geography, without the intention of annihilating existing ones. The work now presented begins with the description and appreciation of the cerrado to give meaning to the motivation of the theme and contents developed, as well as contemplating the literature and its interfaces that are little known in the field of geography and almost never used as a support in teaching this science.. Also shown are two categories used in geography studies that perfectly fit the theme addressed, namely, "space" and "place", chosen because they situate society and its actions as a way of sustaining this research filled with geographical fragments that it makes available the teacher a lot of opportunities to work his creativity. The methodology used to achieve the proposed objectives, was based on bibliographic surveys related to the subject, since the work did not carry out any type of experimentation or diagnosis. Therefore, it is hoped that the work carried out can serve as a guide for a new interactive methodology to be used by geography teachers.

**Keywords:** Geography, teaching, poetry, methodology, elementary education.

# **SUMÁRIO**

#  Pág

# **INTRODUÇÃO**.................................................................................................... 8

**DESENVOVIMENTO**........................................................................................ 12

# 1.1 A literatura poética e a cientifica..................................................................... 12

# 1.2 A concepção de espaço do imaginário ao real................................................. 15

# 1.3 A contemplação do cerrado na literatura ........................................................ 19

# 1.4 O uso da poesia contemplativa sobre o cerrado e o ensino de geografia................................................................................................................ 22

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.................................................................................................................. 27

# **REFERÊNCIAS**.................................................................................................. 29

**Introdução**

 Cerrado é uma palavra de origem espanhola que significa *fechado*, este termo busca traduzir as características de vegetação arbustivas-herbácea densa que ocorre nas formações savânicas, compondo sobre esse mosaico, uma biodiversidade única e fascinante, o que contradiz a ideia cultural de que este bioma é estéril e sem vida (RIBEIRO, 1998).

O bioma Cerrado é o segundo em área de extensão no Brasil. Abrange os estados de Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, e parte dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Bahia, Maranhão, Ceará e São Paulo, correspondendo também em áreas disjuntas ao norte dos estados do Amapá, Amazonas, Pará e Roraima e ao sul do Paraná (RIBEIRO & WALTER, 1998). O Cerrado é considerado um complexo vegetacional com características ecológicas e fisionômicas similares a outras savanas da América tropical, da África e da Austrália (EITEN, 1979).

 Tratando-se de sua vegetação, apresenta-se com formações florestais (cerradão e mata seca), campestres (campo sujo, campo-cerrado e campo limpo) e savânicas (cerrado sentido restrito e cerrado ralos), isso porque, os fatores temporais (geológico e ecológico) e espaciais (variações locais), são responsáveis pela ocorrência das formações florestais do bioma Cerrado, (EITEN, 1979; RIBEIRO; WALTER, 1998). Paralelo a isso, essas formações seriam influenciadas também por variações locais em parâmetros como: Hidrografia, Topografia, Profundidade do Lençol Freático e Fertilidade dos Solos.

 O Cerrado é considerado o coração do Brasil, ou melhor dizendo, a caixa d'água do território nacional, isso porque ele está localizado estrategicamente no centro do país, e por abrigar nascentes de diversos e importantes rios brasileiros, além da topografia da região que favorece essa característica. É um dos domínios brasileiros mais antropizados pela atividade humana (MORANDI 2018, apud, BEUCLE 2015). Nas últimas décadas, políticas públicas incentivaram o crescimento agropecuário no seu território e, com isso, extensas áreas naturais têm sido substituídas por pastagens, campos de agricultura e monoculturas florestais exóticas. E isso gera um mosaico de fragmentos de vegetação de diferentes tamanhos e graus de conservação. (MORANDI 2018, apud, OLIVEIRA, 2017).

Sette, (2005), ao estudar o Clima que impera na região do Cerrado faz a seguinte afirmação:

“Os climas predominantes no Domínio do Cerrado são os Tropicais Megatérmico e o Mesotérmico. A temperatura média anual fica em torno de 22-23ºC (as médias mensais apresentam pequena estacionalidade). As máximas absolutas mensais não variam muito ao longo dos meses do ano, podendo chegar a mais de 40ºC. Já as mínimas absolutas mensais variam bastante, atingindo valores próximos ou até abaixo de zero nos meses de maio, junho e julho. A ocorrência de geadas no Domínio do Cerrado também é observada na porção meridional e em áreas elevadas.” (SETTE, 2005)

 Segundo Gottsberger (1982), além do clima, o solo foi um importante fator para a ocorrência do Cerrado, sendo ele, um Latossolo vermelho/amarelo arenoso, um tipo de solo profundo, lixiviado, pobre em matéria orgânica e sais minerais e com alto teor de íons de alumínio, dessa forma, para ser manuseado algumas atividades sobre esse solo, se faz necessário uma extensa drenagem.

 As plantas desse Bioma, são bem adaptadas a essas condições climáticas e de solo. Segundo estudos divulgados pela equipe do Ministério do Meio Ambiente, devido a rica biodiversidade do Cerrado, pode ser encontrado em seu interior, diversos recursos naturais que possibilitam a prática da medicina popular através de suas raízes, cascas, folhas e muitas plantas com essa finalidade e poder medicinal, a exemplo do Assa-peixe, Capim-de-cacho, Mangaba, dentre outros (MMA, 2010).

 Segundo Barbosa (2002), a primeira ocupação de forma mais duradoura nas áreas onde atualmente se encontra o bioma Cerrado, foi efetuada por populações de caçadores e coletores que constituíam a Tradição Itaparica, a cerca de 11.000 anos, que dominou as áreas de Cerrado. Os primeiros colonizadores de origem europeia que chegaram ao Cerrado eram representados pelos agrupamentos de bandeirantes.

 No Cerrado tem ocorrido intenso processo de modernização das técnicas produtivas no campo, aliado a um acréscimo constante de investimentos financeiros, causando o avanço indiscriminado sobre o Cerrado (SOUSA 2013, et al, FERREIRA 2003). Dessa forma, sua área pode ser utilizada pela agropecuária, em virtude de grande área agricultável, fácil mecanização, fartos recursos hídricos e por estar próximo a centros consumidores. De acordo com Sousa (2012), o desmatamento aconteceu para dar lugar à agricultura, a pastagens de gado e ao reflorestamento com algumas outras espécies de árvores, como as ornamentais, eucalipto, etc. essas ações fazem com que o cerrado fique diminuído e isso leva a uma deficiência da área nativa do país. Essas ações implicam na perca de parte significativa de sua cobertura original de fundamental importância para a manutenção da vida, mas além dessas ações citadas anteriormente, a urbanização também foi uma das causas da grande devastação.

 O cerrado majestoso e cheio de magias, regada pela exuberância e fartura de recursos, obteve um significado de paraíso pela sua benevolência de sustentar os que aqui existem. Os indígenas foram os primeiros a nomear as espécies com alusão a religiosidade naturalista, contemplativa. Onde o lugar, conceito muito utilizado pela ciência geográfica tem um papel fundamental na manutenção da vida. O cerrado enquanto Lugar, onde as relações são sensibilizadas pelas poesias e contos, encontrados em fragmentos ou obras inteiras da nossa literatura, vem sendo contemplado a séculos, mas com um eco de pouca abrangência, sucumbido pelo estrondo provocado pelo capital financeiro imposta a ele.

 Este trabalho de conclusão de curso em licenciatura em geografia, busca ampliar as possibilidades de ensinar Geografia por meio da análise de obras literárias que tem o cerrado como o lugar de inspiração e admiração do escritor, que ao poetizar a paisagem deixou em suspensão, elementos a serem geografizados em sala de aula. Dessa forma, a relação que se estabelecerá, tem como centralidade a edificação de uma metodologia de ensino-aprendizagem que permita a compreensão das analogias geográficas pelo aluno em seu cotidiano, perpassada pela linguagem literária. A presente Literatura, não é o objeto do estudo desta pesquisa, mas sim, é a ferramenta necessária como elemento histórico, social e geográfico, que permitirá trazer para sala de aula um arsenal de poesias, contos, romances e estrofes, objetivado sobre a dinâmica da ciência geografica, fazendo com que esse processo de ensino-aprendizagem, seja; rico, divertido, dinâmico, exuberante e acima de tudo, critico, e de tudo aquilo que a literatura permitir.

 O *Lugar*, é uma das categorias de análise da Ciência Geográfica, e é nesse lugar que abstraímos os conceitos trabalhados, a partir das nossas vivências, paralelo a isso, esse Lugar é um fragmento carregado de objetividade, sensibilidade, experiências e significados, que no contexto Literário, historiciza uma linguagem da significação política do saber. Nesse sentido, ao contrário do que muito se pensa e supõe, a relação entre a Geografia e a Literatura, portanto, arte e ciência ao se encontrarem, produzem um novo dispositivo de interpretação e subjetividade, através da mediação do mesmo espaço. A literatura é, por excelência, uma arte da palavra.

 É sobre essa interlocução dos saberes, que o presente trabalho se dedica, em analisar as representações geográficas do Cerrado em sua totalidade, representando na linguagem mais fiel da Literatura, perpassando sobre vários cenários desse bioma, de sua contemplação aos conflitos, credenciada por alguns autores com total legitimidade e profundo apresso que se dispuseram e se dedicaram em trazer para o Cerrado, novas faces e olhares. Associadamente a isto, este trabalho estabelece-se fundamentalmente sobre várias Literaturas, onde os autores buscaram no Cerrado a motivação intrínseca de designá-lo, adentrá-lo, desmitificar ideias errôneas, estabelecer suas relações, imerso em seu contexto sociocultural e ambiental. Dessa forma, deslumbraremos e analisaremos as obras de alguns autores, a exemplo de: Guimarães Rosa; Cora Coralina; Bernardo Élis dentre outros, que se dedicaram em enaltecer esse valioso Bioma em suas obras, em forma de versos, poesias e estrofes, e enfim, de toda forma da literatura de se fazer e ser.

 Dessa forma, a proposta metodológica que esta pesquisa propõe a mostrar, se estabelece com o objetivo de fazer com que o Ensino de Geografia e seu ambiente de efetivação, seja interativo, investigativo, criativo, dinâmico, sensível, imaginativo e crítico, tomando como elemento fundamental de apoio, a Literatura. Atribuindo ao aluno a capacidade de explorar o conteúdo aplicado, que neste trabalho tem o bioma Cerrado como objeto, através de toda conjuntura literária submergida pelos fragmentos poéticos, e não somente isso, atribuindo ao aluno o uso da imaginação e criatividade, fazendo-o pertencer e conceber o cerrado por mediação do Professor(a).

Mediante a esta proposta, busca-se também desmistificar a errônea ideia e visão, de que a Ciência Geografia enquanto disciplina, é meramente descritiva e decorativa. Pois, essa ciência em toda sua forma de ser e de se conceber, se faz e é dinâmica. Independente de se tratar da sociedade ou de elementos físicos da natureza, esta, é dinâmica, e isso é indiscutível. Ou seja, essa característica é inerente a Geografia enquanto ciência que se efetiva e se integra no Espaço.

Dessa forma, o método que se acredita e se propõe a ser levado para sala de aula, tem como objetivo desmistificar essa ideia, através da justificativa acima apresentada, e também, através das explicações que se pretende fazer aos alunos com o elemento de apoio ora apresentado, pontuando que os elementos constitutivos do bioma cerrado, sejam eles físicos ou não, não existem por existir e, tão pouco, são elementos isolados entre si, mas que fazem parte de todo um importante processo para serem o que são, e se localizarem onde estão.

O referencial teórico que se baseia o vigente trabalho, se encontra em livros de cunho regionalista que tem o Cerrado como objeto de análise, artigos, revistas oficiais e tese de doutorado.

**1 – A LITERATURA POÉTICA E A CIENTIFICA**

 A palavra “literatura”, no decorrer da história, teve dois significados básicos, até o século XVIII, a palavra manteve seu sentido primitivo de sua origem latina (o termo provém do latim litteratura, “arte de escrever, literatura”, a partir da palavra latina littera, “letra”), significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler; cultura do homem letrado e instrução (OLIVEIRA 2009, apud, SOUZA 2007). Já segunda metade do século XVIII em diante, o vocábulo passa a significar o produto da atividade do homem de letras; conjunto de obras escritas; estabelecendo-se as bases de suas acepções modernas.

A primeira disciplina a tratar do que hoje é chamado de Literatura, foi a Retórica, surgida no século V a.C., com o objetivo de sistematizar os recursos que poderiam dotar a palavra do poder de persuasão, englobando a literatura como modalidade específica de arte. Há princípio, ela abrangia cinco partes, correspondentes às etapas da elaboração e execução do discurso: inventio (achar o que dizer); dispositio (pôr em certa ordem o que se tem a dizer); elocutio (colocar os ornamentos do discurso); pronunciatio (dicção e gesticulação adequadas ao discurso) e memoria (confiar o discurso à memória, (SOUZA 1999, apud, Oliveira 2009).

 A literatura poética surge como a primeira manifestação de linguagem literária, na Grécia, entre os séculos V a.C ao V d.C., tendo como percussor o filosofo grego Aristóteles, que fundamentalmente tinha uma visão intrínseca da obra, tão pouco dando atenção, aos fatos extrínsecos. Ou seja, a sua fascinação partia da realidade da obra, com pouca referência a quem a criou, predominando uma linguagem figurada metafórica. Sendo por muito tempo divido por três categorias: épico, lírico e dramático.

Ao longo do tempo essa linguagem poética, já não fora mais suficiente, pois muito se falava dos usos literários para o cotidiano e os usos científicos da Linguagem, nesse sentido, a conotação dada a “emoção”, “sentimento” ligada a manifestação e exuberância daquilo que se vê, já não era suficiente. Segundo Zilberman (2009), já no século XIX, o Romantismo decretou que a artística, dependia de regras, nesse sentido as técnicas poéticas foram abolidas. Nesse momento já se cogitava a ideia que a literatura precisava ser objeto de uma ciência, que não fosse reguladora como a Poética, nem pragmática, como a Retorica. Surgi assim, a teoria da Literatura, afinando-se aos propósitos do Romantismo e encontrando sua morada no Ensino Superior.

 Conforme observou-se, a literatura poética surge como uma profunda base que posteriormente se fez palco para demais tipos de literaturas e gêneros literários, ou seja, mesmo com os avanços para que mesma se tornasse ciência, a literatura poética nunca foi aniquilada como um todo, sempre fora resgatada. Ler por si só, já é uma manifestação de saber e de conhecimento, agora ler Literatura Poética, possibilitou a integração do homem na sociedade, ajudou na sua integração ao longo das civilizações, concebendo através dela, a criticidade e autonomia.

 Estudos da Universidade de Liverpool, apontam que ler poesias e literatura clássica, como Shakespeare, Fernando Pessoa, William Wordsworth por exemplo, é mais benéfica do que livros de autoajuda, isso porque, afeta o lado direito do cérebro, onde são armazenadas as lembranças autobiográficas, e ajuda a refletir sobre eles e entendê-los desde outra perspectiva. Segundo Zilberman, a formação do leitor crítico só é possível quando o livro oferece meios para que o indivíduo compreenda a si mesmo e a realidade que o cerca, proporcionando-lhe um embasamento mediante o qual se construa “uma concepção autônoma e crítica da vida” (ZILBERMAN 2005, apud MONTAVÃO 2016).

 As primeiras obras literárias de caráter cientifico começaram sob a vertente Naturalista, sendo a primeira obra publicada em 1867, essa obra era um romance Théres Raquin do escritor francês, Émile Zola. Nessa obra, o autor construiu personagens sem autonomia, eram apenas “jequetes” ou “jecas” personagem regional do meio e de seus instintos. É nesse momento que surge o Naturalismo com sua visão cientifica da realidade, baseando-se nas teorias cientificas da época como a *Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin.*  Essa corrente possui influência direta do Positivismo, de August Comte, que entendia a sociedade em sua existência concreta, passível de ser compreendida plenamente através de um método, de uma estrutura bem definida, de uma ciência positivista, (SALES 2008, p. 1)

 Já no Brasil, as primeiras obras literárias de caráter cientifico, segundo Lima (2019) surgem, a partir do século XIX, em 1875. O primeiro romance considerado ficção científica é *O doutor Benignus (*1875), de Augusto Emílio Zaluar (1825-1882). Depois dele, outros autores fizeram suas experiências com o gênero. É o caso de Machado de Assis (1839-1908), em seu conto *O imortal* (1882); Coelho Neto (1864-1934), em Esphinge (1908); Gastão Cruls (1888-1959), *com Amazônia misteriosa* (1925); Monteiro Lobato (1882-1948), em *O presidente negro* (1926); Menochi del Pichia (1892-1988), em *A filha do inca*; Érico Veríssimo (1905- 1975), em *Viagem à aurora do mundo* (1939); Jeronymo Monteiro (1908-1970), com *A cidade perdida* (1948). Todas essas obras de alguma forma, foram concebidas através da observação da Sociedade na vertente naturalista, no sentido de criticizar, manifestar, repudiar ações, denunciar, ou de vislumbrar a paisagem.

 O histórico do Principado da Poesia Brasileira teve início no mesmo ano do surgimento da Revista Fon-Fon: 1907. Em Goiás, o principado da Poesia se concretizou ainda nos anos de 1920 por meio da seleção, indicada e escolha, entre os intelectuais da época, na então capital do Estado Vila Boa, atual Cidade de Goiás. Os poetas indicados eram votados, os de maior destaque nas lides poéticas, eleitos por uma comissão de intelectuais. O pleito registrado e divulgado no jornal O Democratas, de Antônio Ramos Caiado, (o Totó Caiado daquela Cidade). O primeiro goiano a ocupar o honroso título foi Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (Cidade de Goiás, 1883 – Bonfim, atual, Silvânia, 1923), por sugestão do jornalista Gercinio Monteiro. Por narrar poeticamente, as belezas de seu torrão, Goiás; era chamado “Cassimiro de Abreu Goiano”. (AFLAG, 207/2018, pág. 83)

 Noites Goianas, um dos poemas mais conhecidos de Joaquim Bonifácio, se tornou um hino de louvor em Goiás, criado na década de 1930, foi musicado por Joaquim Santana, era cantado nos saraus e tertúlias promovidos no início do século passado. Atualmente, é apresentado com todo encantamento, nos eventos culturais, cuja versão é interpretada por cantores de renome: Marcelo Barra, Maria Augusta Callado, Eli Camargo, Maria Eugênia e tantos outros. Em duas estrofes de *Noites Goianas:*

 *“Em Nice, em Lisboa, na Itália famosa, tais noites não há.... São noites somente da pátria formosa... Do índio Goiá. As noites goianas são claras, são lindas, não temem rivais! Goianos traduzem doçuras infindas, as noites que amais.... Goianos as sonham, da pátria saudosos, nas terras de lá... São noites de risos, de afetos, de gozos, as noites de cá...”* (AFLAG, 2017/2018, págs. 83 e 89)

Analisar essa evolução, processo e apropriação da linguagem como ciência, é compreender todo o processo histórico da civilização também, pois a literatura poética acompanhou a mesma em todo percurso inerente as sociedades, e mesmo que a mesma tenha perdido força ao longo dos séculos, para dar lugar a linguagem cientifica, ela em si nunca perdeu seu lugar, sua colocação dentro da Literatura e tampouco da sociedade, muito pelo contrário, seu lugar foi legitimado por inúmeros autores que a concebeu em suas obras, acompanhando também a ficção ou literatura cientifica. Fica claro então, que ambas as literaturas têm sua especificidade, função e abordagem, mas não deixam de andar juntas, e serem subjetivas sobre seu objeto de observação, interpretação e linguagem.

**2 – AS CONCEPÇÕES DAS CATEGORIAS ESPAÇO E LUGAR NA INTERPRETAÇÃO REAL E IMAGINÁRIA.**

 No decorrer do trabalho, dialogamos sobre elementos em sua subjetividade e, que além de especificidade subjetiva, tornaram-se objeto de estudo e apropriação, o Cerrado e a Literatura. De igual modo, observamos a forma pela qual, cada um se apropriou e se legitimou com imprescindível importância á décadas, ou melhor dizendo séculos, sobre as sociedades e através delas. Nesse sentido, ambos os elementos tiveram que lutar para se assegurar sobre as décadas conseguintes, seja se assegurando sobre o imaginário, o lúdico e poético, ou, sobre um espaço delimitado pelo tempo, ou pela natureza ou até mesmo pelo Estado. De qualquer forma, seja do lúdico á grandes extensões de terra, esses elementos se submergiram e criaram raízes sobre o Espaço.

Essa compreensão é concebida, através do entendimento da sociedade como sendo a fragmentação indissociável à criação de Espaços. Para tal concepção, adentraremos sobre o campo da Ciência Geográfica, que é amparado sobre a vertente de alguns estudiosos autores com diferentes correntes de pensamento, que tiveram papel fundamental na discussão e objetivação da definição do *Espaço*.

 Em a *Metamorfose do espaço* habitado, Milton Santos avança em sua trajetória para a construção de um corpo epistemológico para a Geografia. A partir da definição da paisagem, ele apresenta seu conceito de espaço, afirmando-o como sendo o “resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade”, o Espaço então seria a sociedade encaixada na paisagem, isto é, “a vida que palpita conjuntamente com a materialidade”. (CASSAB 2008 apud SANTOS, 1991, p.73).

A categoria paisagem no contexto desse trabalho é escolhida pela interpretação da paisagem natural e seus elementos constitutivos, pois uma vez que a proposta metodológica a ser aplicada pelo professor em sala de aula, consiste em extrair dos fragmentos poéticos, esses elementos da paisagem e dar a eles o seu significado.

Nesse sentido, Santos afirma:

reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 2005, p.33).

 Para Corrêa (1982) o espaço geográfico é a morada do homem e abrange a superfície da Terra. O autor destaca o geógrafo britânico Harvey, que mostra três abordagens do espaço (não excludentes): uma primeira abordagem do espaço é a do espaço absoluto. Seria o espaço em si, no qual ele é fixo, onde a sociedade registra ou planeja eventos dentro dessa moldura que o constitui. Tem base em Newton e Kant e influenciou geógrafos alemães (como Humboldt e Hettner), Hartshorne e La Blache; a segunda abordagem é a do espaço relativo, que seria configurado pela distância, na qual é associada principalmente ao nome de Einstein e às geometrias não-euclidianas que começaram a ser mais sistematicamente construídas no século XIX. (BRAGA 2007, apud, CORRÊA 1982).

 O espaço é relativo em dois sentidos: de que há múltiplas geometrias que podemos escolher e de que o quadro espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem, tal conceito também foi utilizado por outras ciências. E uma última abordagem do espaço relacional, é que um objeto só existe em contato com outros (HARVEY, 2007).

 Já para Moreira (1982), o espaço representa também grande importância na contextualização do espaço geográfico, para o autor, o espaço é visto como uma estrutura de relações sob determinação social, é a sociedade vista com sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho e uma totalidade estruturada de formas espaciais. O autor usa a metáfora da quadra esportiva polivalente para entender o espaço, onde o arranjo espacial representa as leis do jogo, o espaço seria a aparência e a sociedade a essência.

 Destaca-se a importância do conceito de formação econômico-social, que na sua concepção, abarca as classes dominantes e o modo de produção. Esse arranjo espacial, é visto como “expressão fenomênica do ‘modo de socialização’ da natureza e dos termos de sua configuração em formação econômico-social”, e o espaço organizado socialmente é “formação sócio-espacial, que é a expressão fenomênica da complexa trama da formação econômico-social”. (MARQUES 2018, apud, MOREIRA 1982).

 De acordo com Moraes (1990), o espaço em Ratzel é visto como base indissociável para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho, quer naturais, quer aqueles socialmente produzidos, tal como, o domínio do espaço transforma-se em elemento crucial na história do Homem. Segundo, Ratzel desenvolve dois conceitos fundamentais em sua antropogeografia, trata-se do conceito de território e espaço vital, ambos com fortes raízes na ecologia. O primeiro vincula-se a apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo, enquanto o segundo expressa as necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais. A preservação e ampliação do espaço vital constitui-se, na formação ratzeliana na própria razão de ser do Estado. (CASTRO 2000, apud, MORAES 1990)

Dessa forma:

“Seria assim uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos, mediada pela capacidade técnica” (MORAES, 1990, p23).

 O espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado, mesmo se a intenção se dissimula sob as aparências coerentes da figura espacial. O espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção. Esta concepção de Espaço, marca profundamente os geógrafos que, a partir da década de 1970, adotaram o materialismo histórico e dialético como paradigma. O espaço é concebido, ou seja, como locus da reprodução das relações sócias de produção, isto é, reprodução da sociedade (TORO 2015, apud LEFÉBVREL 1976).

 Santos (1982) dinamiza-se o espaço, quando descreve os conceitos para estrutura, forma, função e processos. Onde a estrutura, é relativo ao modo como os objetos estão organizados, refere-se a maneira como estão interrelacionados entre si. A forma, é aspecto visível, exterior de um objeto, referindo-se ainda ao arranjo deles, que passam a construir um padrão espacial. A noção de função, implica a uma atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado. E os processos são definidos como uma ação que se realiza continuamente, objetivando algum resultado, implicando tempo e mudança.

 A Geografia enquanto ciência sempre buscou compreender a real dimensão de seu objeto de estudo. Existem diversas correntes de pensamento geográfico; a humanística, a dialética marxista, a geografia cultural, dentre outras, cada uma delas embasadas em teorias filosóficas distintas, sendo que cada uma possui seu método de análise e compreensão do espaço geográfico (STANISK, KUNDLATSCH, PIREHOWSKI; 2014). Segundo Tuan (1975), o “*lugar* é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos”, ou ainda “lugar é um centro de significados construído pela experiência”, nesse sentido, o lugar é expresso em outras palavras pela consolidação de objetividade e subjetividade de cada sujeito que ali não somente passa, mas que permanece mesmo que por um curto espaço de tempo, fazendo com que suas raízes afetivas se ramifiquem aqui e acolá.

 Corrêa (2003) afirma que a geografia como ciência social, tem como objeto de estudo a sociedade que se refere a ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

 O lugar como fora dito, ainda que tenha conceitos distintos, há uma legitimidade ao dizer, que ele é uma fragmentação ramificada do espaço, espaço esse, vivido e compreendido. Nesse sentido, o *Lugar* é dessa forma, uma porção do espaço, dotada de manifestações, relações e significados distintos. E é sobre esse lugar, que embora ganhe manifestações pacificas ou não, e é dotada de significados distintos, é legitimo dizer, que toda sua forma será observada pela ciência e pelo senso comum, isso é inquestionável.

Contudo, o que não se fala sobre esse lugar, é aquilo que é incompreensível a olho nu, mas que é compreensível ao coração do homem, no que se refere, as emoções, ao apreço, ao deslumbre. É sobre esse arsenal de conjunturas emocionais e de sensibilização, que o imaginário se manifesta e é concebido. É a lacuna pela qual a arte, o lúdico, a poesia, a estrofe e o refrão se concebem, mediante a sensibilização daquele que o detém e decide mostrar ao mundo.

Desse modo, é de interesse do vigente trabalho, analisar o imaginário poético desse espaço que se ramifica sobre o lugar mediado pelo Professor em sala de aula, objetivando que o aluno se sinta pertencido a esse ambiente que perpassa o espaço físico, entendendo o conteúdo aplicado de forma crítica, dinâmica e sensível, desmistificado a ideia de que essa ciência enquanto disciplina, é descritiva e decorativa, sendo esse um método que trabalha com o aluno todo elemento que se encontra no Cerrado enquanto este se concebe no espaço e lugar, compreendo então, sua dinâmica e seu processo. Sendo assim, acredita-se que estará sendo potencializando além de tudo, a sua criatividade desses alunos para futuras produções próprias, uma vez que os mesmos já estarão habituados com a configuração poética, que é o dispositivo fundamental deste trabalho para se ensinar Geografia, o esse trazendo assim, um mosaico de interpretações de fragmentado á analise geográfica.

 O espaço como forma, função e processos do ponto de vista geográfico, não faz parte desse imaginário de contemplação sentimental, a literatura nesse contexto, passa a ser um instrumento fundamental desse cenário concebendo lúdico, a arte. Que de outro modo, ajudará o professor extrair os conteúdos concretos e geografizar esse espaço em sala de aula, aproveitando o momento emotivo desenvolvido pelos alunos mediante a leitura de um fragmento literário.

**3- A COMTEMPLAÇÃO DO CERRADO NA LITERATURA**

 Ao analisar algumas obras literárias, observa-se que a imensidão do cerrado e suas particularidades naturais, assim como o modo de vivência de seu povo, não passaram despercebidos aos olhos de vários autores regionalistas e dentre outros, que ao conviverem com as belezas das paisagens do bioma, fizeram questão de evidenciar essa região em suas Obras.

 O escritor e cronista Bernardo Elis, em sua obra intitulada” Ermos e Gerais”, narra o Conto trágico de **Nhola dos Anjos e a Cheia de Corumbá***,* com narrativas físicas da natureza, onde o descreve em um pequeno trecho: *“*[...] *já tinha pra mais de oitenta anos eu e dos Anjos morava ali na foz do Capivari no Corumbá. O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e populosos. A casa ficava num triângulo, de que dois lados eram formados por rios e o terceiro por uma vargem de buriti. Nos tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados, mas a passagem da várzea era rasa e podia-se vadear perfeitamente.”* (ÉLIS, 1994. p. 5)*.*

 João Tamboril Lima, em sua obra **Jatai,** no Conto intitulado **“O Rio Claro”** narra: *“No puro cheiro de umidade, uma gota descai e balanga a folha. Imediatamente outra e outras mais pingam na quantidade certa de formar um visgo d'água.* [...] *aí é o começo do corguinho, que serpenteia virando ribeirão e desce sorrindo nas pedras de pontas e mais vem se vindo apressado no liso da cachoeira e despenca em véus de neblina. Vira sereno. Cai no abismo. Rola nodoso e segue moderado, querendo empazinar. Tropeça no lajedo, com o barranco íngreme de troncos centenários, formando recantiados espumantes. Piabas e lambaris vez em quando bicotam na superfície atrás de cisco.”* (LIMA, 2005, págs. 15/144/115).

 O escritor e cronista Bernardo Élis, em seu Conto denominado **Contos Esparsos**, narra em um trecho: “[...] no *calor sufocante, o sol tinia de quente, com nuvens imensas, parecendo pedreiras gigantescas, erguendo-se para os lados do norte, a indicar chuvarada grossa. De par com o fraternir dos grilos, o rechinar das cigarras e o pio dos papa-capins, subia da terra úmida um bafo escaldante, um bafo peganhento de suor, feito um bafo de tacha de açúcar.”* (ÉLIS, 1987, p. 4/28).

Ainda sob a análise das obras do referido saudoso escritor, temos **Vidas Em Obras: Bernardo Élis,** que perpassaum arsenal de estudos e análises críticas de suas obras, por críticos literários e admiradores, em um trecho destaca-se: *“A chegada de um general a Vila Boa espalhou o terror entre os homens e deixou em ebulição todas as mulheres*. [...] *o general partia para sua capitania sem conhece-la, sabendo unicamente que se tratava de um território novo, onde tudo estava ainda por fazer, traçava grandes planos para debelas o atraso e a miséria; pensava imortalizar-se arrancando aquelas vastidões da barbárie em que se encontravam.*” (ÉLIS, 2005, p. 68)

 Por ainda destrinchar suas obras, em sua narrativa telúrica pungente e regionalista, **Caminhos de Descaminhos,** é descrito em um curto fragmento: “[...] *no lugar que não o cobriam as pedras, enormes rochas pretas, cobriam-no cascalhos lavados, restos de antigas lavras auríferas dos tempos do Anhanguera. Viam-se ali profundas e extensas catas, bordejadas por montanhas de cascalho. Por cima desses brocotós e buracos cresciam gameleiras, lixeiras, gravatás, ingazeiras e, aqui e ali, touças de catingueiro.”* (ÉLIS, 1987, p. 102). Já em outra obra intitulada; **Marechal Xavier Curado: Criador do exército Nacional**, no primeiro capitulo denominado; **O Surgimento do Meia Ponte,** ele descreve o poema; **Anhanguera, o Diabo de Botas.** Em um trecho, descreve: “*Diabo velho e calçudo! Quando este entrava na floresta, o mato trancava-lhe as portas e escondia o seu ouro encantado, agarrando-lhe a terra com os dedos das árvores tortas.* [...] *vou fazer um fogaréu que há de arrasar, num segundo, todas as coisas do chão e do céu! E assim vivos, assim nus, sereis queimados, todos vós, com arcos e penas verdes e tudo na rubra fogueira veloz! O incêndio de rabo vermelho se levantou do chão! E jogou fogo nos olhos da multidão! E todos os bugres, tomados de assombro, caíram com a face e com os joelhos no chão, a gritar por quem era, Anhanguera! Anhanguera!* (ÈLIS, 2005, p. 17/18)

 Willian Agel de Melo, em seu Romance intitulado **Epopéia dos Sertões,** em um curto trecho narra: “[...] *n*a *frente, o bacuri, com as palmas curvas sombreando o chão. Os anus- brancos bicavam larvas ou vermes na beira dos córregos ou tranqueiras. Os pequis caiam de maduros. Mijo quente de boi cheio de escuma e aquele cheiro que vinha do curral. A aprendiz imitava seu canto, lá no campo sujo: fugia dos lugares altos e barrancos em forma de não cair. A andorinha voava de perfil.”* (MELO, 2006, p. 63).

 Leo Godoy Otero em **O caminho das boiadas,** destaca em um trecho: “[...] *as seriemas em correrias nervosas – gritos de moça menineira – contraponteavam o trinado dos sabiás; preces implorando chuva”.* (OTERO, 1958, p.103).

 O contista, cronista, romancista e crítico de arte, Carmo Bernardes em sua obra intitulada **Xambioá, paz e guerra,** narra em um trecho: “[...] foi *na quadra da arranca do cerrado, aumentar invernada de engorda, plantio de capim braquiária, cortar e amontoar a madeirinha torada do cerradão – muito pau- terra, Cambuí, pau-santo, jacarandazinho-canzileiro. Gente de fora, mestres de fazer forno de carvão, chegam uns quatros, daí uma ruma deles sem família, morando tudo numa tolda que fizeram. Proibido beber e bebiam, há quem possa com gente?”* (BERNARDES, 2005, p 100).

 Ainda com o saudoso regionalista goiano Carmo Bernardes, em sua obra **Jângala: Complexo Araguaia,** ele descreve: “[...] *o solo dos varjões, compreendendo a Ilha do Bananal, divide-se em duas categorias, todas de deposição recente. Uma de areia e saibro, outra de argila maciça, terras cobiçadas pela agricultura de irrigação. Ao contrário das terras altas, essa camada argilosa parece não ser muito rica em alumínio, o que delata a luxúria da vegetação endêmica. A paisagem, embora muito chã, não chega a ser tediosa em razão da variedade que apresenta a vegetação. O indumento rasteiro predominante é do capim- mimoso das grandes pastagens naturais, uma pradaria sem fim, sempre estriada de veredas de buriti que os ventos gerais açoitam.* (BERNARDES, 1994, p. 36)

 Em a **Perpertinha: um drama dos Babaçuais,** Carmo Bernardes, narra com maestria um Drama ficcional nas, e das terras goianas, em alguns trechos, o mesmo escreve: “[...] *quando o rio baixa e descobrem maiores alturas nas ribanceiras, ficam visíveis as divisões das camadas de sedimentação, a indicar que o lugar foi sendo alterado, no correr das eras. E só tendo sido feito com sedimentos que as invernias vêm arrancando e carreando do alto dum espigão. Um espigão visto de muito longe, por quem chega, seja por terra, seja por água. Quem bota sentido nas coisas, chega à conclusão de que o coqueiro babaçu é natural só de terrenos assim, onde no correr das eras, se formaram as aluviões.”* (BERNARDES, 1991, cap.1). Ainda na mesma obra: “[...] *vez em quando um bicho espanta na frente. Lá pela estrada afra, saltou de banda num pingo rápido. Despertou o cavaleiro que vinha cochilando, esmolengando no arreio, ao embalo da marcha viageira do animal bom de sela. Isto assim, é um veado foboca. Os esgalhos dos chifres dele parecem um feixe de lenha. Ora umas ternadinha de porco-queixada desnorteando o bando. Ora, as emas e o lobo-guará. Raposinhas do campo se vê toda hora, vez em quando um tamanduá-bandeira ou um mixirra*” (BERNARDES, 1991, p. 11/12). E ainda: “[...] *horas e mais horas sem nunca dar com as vistas numa vivalma. Bicho nenhum na beira, a não ser de distância em distância um tuiuiú solitário, ou um manguari pousado nas imbaúbas. Lá uma vez ou outra, os olhos descansam num bandinho de garças pousadas numa garrancheira encalhada numa rasoura. Vê-se, por acaso, gaivotas risca-água bordando uma ponta de praia.”* (BERNARDES, 1991, p. 15)

 Demóstenes Cristino, em seu Poema denominado **Musa Bravia,** destaca em um trecho: [...] *terra de altiplanos e horizontes vastos, coberta de florestas e verdejantes pastos, onde é sempre azul a cúpula do infinito e as águas rolam sempre claras, cantantes, espumantes em leitos de granito*. (CRISTINO, 1949, p. 13).

 O regionalista e botânico Saint Hilaire em seu Livro **Viagem à Província de Goiás,** descreve características especifica do Cerrado em trechos dá obra: *“*[...] *após subir a serra por alguns instantes, achei-me num planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora de pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas, ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de subarbustos* (p.22). [...] *As flores continuavam raras, mas vi um grande número delas num pasto recém-queimado. Tão logo é queimada uma pastagem natural começam a brotar no meio das cinzas algumas plantas raquíticas, geralmente felpudas, de folhas sésseis e mal desenvolvidas, as quais não tardam a florescer. Por muito tempo acreditei que essas plantas pertenciam a espécies diferentes, típicas das queimadas, assim como outras são exclusivas das capoeiras que substituíram as florestas virgens* (p.29)*.* (HILAIRE, 1975, p.22/29).

 A grande poetisa do berço goiano, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas ou mais conhecida como Cora Coralina, em sua obra denominada **Meu Livro de Cordel,** descreve em um trecho de sua narrativa: [...] *e no terceiro dia da criação o Criador dividiu as águas, fez os mares e os rios o separou e deu a ela ervas e plantas... e quando das águas separadas aflorou Goyaz, há milênios, ficou ali a Serra Dourada em teorias imprevistas de lava endurecida, e a equação de equilíbrio da pedra oscilante.* (CORALINA, 2012 ed.digital, p.24).

**4 – O USO DA POESIA COMTEMPLATIVA SOBRE O CERRADO E O ENSINO**

**DE GEOGRAFIA**

 O cerrado sempre foi culturalmente menosprezado pela ótica do belo, assim é o espaço cuja literatura regionalista, o lirismo, e toda forma de poetização é subjugado e por vezes, incompreendido e renegado. Mas, como um belo bioma que muito embora não tenha os admiradores que o mereça, ele se faz inteiramente necessário para manutenção da vida, da mesma forma pela qual, a sua beleza vitalícia habita no solo, nos aquíferos, nas imperfeições de suas árvores tortas, assim, é a literatura, é a poesia, a crônica e toda sua forma de ser.

 E é diante desse arsenal deliberadamente rico, como é a beleza cerradense, que o professor irá encontrar repouso para que com muita autonomia, possa trabalhar com os alunos em sala de aula, o bioma Cerrado no contexto da Literatura.

 As séries/anos que se seguem, fazem parte Sistema Educacional Brasileiro, cujo Ensino fundamental II é do 6º ao 9º ano. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A disciplina de Geografia, está posta mediante a lei que norteia a BNCC, estando inserida na área de Ciências Humanas que lhe é atribuído suas habilidades e competências, (BNCC, 2017. p. 359)

 Dessa forma, respeitando a estabelecida Lei, foi realizado uma descrição dos temas trabalhados nos Ensinos acima descritos, com a literatura Cerradense, demostrado no tópico anterior do vigente trabalho (A contemplação do Cerrado na Literatura). Com isso, busca-se absorver os termos que comtemplam o ensino da Ciência Geográfica. A proposta que estabelece aqui na prática, é por meio da mediação do Professor, apresentar essas e outras obras aos alunos, afim de que mesmos leiam em voz alta, e em seguida o Professor destacará no quadro os termos que correspondem a Geografia contendo o cerrado como seu objeto de análise, após o termino da leitura fora feita pelo aluno, o docente então irá conceituar os termos, dinamizá-los com a ajuda dos alunos, sistematiza-los, explicar em que contexto se encontra aquele elemento, e o porquê ele se insere e se configura no Cerrado.

 No 6º ano do ensino fundamental II, um dos conteúdos aplicados é sobre o Relevo, diante disto, temos em:

**Jângala: Complexo Araguaia:** (pág.20)

* Solo: é a camada superficial da terra, composto por matérias orgânicas sendo resultante do intemperismo e da decomposição das rochas;
* Ilha: é uma pequena porção de terra emersa;
* Ilha do Bananal: é a maior ilha fluvial do mundo, localizada no estado do Tocantins, sendo assim uma ilha por ser cercado de água por todos os lados, sendo essas águas do Rio Araguaia e o Javaés

**Musa Bravia:** (pág.21)

* Terra de altiplanos: que é uma grande extensão de terras planas, localizada a uma altitude acima do nível do mar;
* Floresta: é um termo constantemente utilizado nas aulas, sendo essa, uma área com alta densidade de arvores;
* Granito: é uma rocha do tipo magmática composta por quartzo, resultado do resfriamento magma;

**Viagem à Província de Goiás:** (pág.21)

* Serra: é um conjunto acidentados de terrenos com fortes desníveis e picos;
* Planalto: é uma superfície elevada e plana, ou plano alto;
* Deserto: é uma zona árida com precipitações atmosféricas irregulares;

**Caminhos de Descaminhos:** (pág.19)

* Pedras: matéria mineral sólida, dura, da natureza das rochas;
* Rochas pretas: É um agregado naturas de um ou mais minerais, ou vidro vulcânico. Rochas intermediárias ou alcalinas;
* Cascalhos lavados: conjunto de lascas de pedra proveniente do trabalho de lavrar a cantaria;
* Lavras auríferas: é o conjunto de operações coordenadas que têm como objetivo o aproveitamento industrial de jazida, desde a extração de substâncias minerais úteis até o seu beneficiamento;

**Perpertinha: um drama dos Babaçuais:** (pág.21)

* Rio: curso de água natural, mais ou menos torrencial, que corre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago;
* Ribanceira: margem elevada de um curso de água ou de um lago;
* Camadas de sedimentação: dinâmica natural que envolve a formação das camadas do solo, que pode ser pela decomposição das rochas, ou pela deposição de sedimentos proveniente de processos erosivos;
* Um espigão visto de muito longe: Espigão é uma denominação utilizada para descrever um espaço no terreno que serve como divisor de águas pluviais;

No 7º ano, são abordados muitos conteúdos abordados, aos quais temos: Bacias Hidrográficas, Fatores Climáticos no Brasil e Formações Vegetais, mediante isso, temos:

* **Nhola dos Anjos e a Cheia de Corumbá**: (pág.19)
* Foz: é um ponto de desaguamento de um rio, que pode ser feito no mar, numa lagoa ou em outro rio;
* Foz do Capivari no Corumbá: é um curso de água do estado do Mato Grosso do Sul que desagua no rio Paraguai;
* Vargem de buriti: é uma extensão de terra plana com uma vasta densidade do fruto buriti;
* Fragmento; “os tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados, mas a passagem da várzea era rasa”: em época que a estiagem dá uma trégua, o planalto central, logo é inundando rapidamente. As áreas mais íngremes são rapidamente atingidas, e se a mesma for uma área urbana muito impermeabilizada e com ausência de vegetação nativa, as enchentes são certas que ocorreram;

 **O Rio Claro**:(pág.19)

* Corguinho: utilizado na fala popular, mas de fato ele é um curso d’água, que pode desborcar no ribeirão;
* Cachoeira: é uma torrente ou queda de água que corre ou cai formando curso d’água;
* Barranco: é uma encosta íngreme não coberta de vegetação, uma escarpa;
* Piabas e Lambaris: são peixes teleósteos caraciformes de águas fluviais, bem comuns nos ris brasileiros;

**Contos Esparsos:** (pág.19)

* Paisagem: é uma extensão de território que o olhar alcança num lance, vista, panorama;
* Capim-mimoso: que é um tipo de gramínea perene que compõe pastos naturais;
* Biodiversidade florística do cerrado – representa um mosaico de fisionomias vegetais, um conjunto de
* paisagens que compõem a região;
* Nuvem imensa: é um conjunto visível de partículas diminutas de gelo ou água em seu estado líquido ou ainda de ambos ao mesmo tempo (mistas), que se encontram em suspensão na atmosfera, após terem se condensado ou liquefeito em virtude de fenómenos atmosféricos;
* Chuvarada grossa: chuva copiosa, em geral não muito prolongada; chuvada, chuvão, aguaceiro, chuvarada grossa;

 **Jângala: Complexo Araguaia:** (pág.20)

* Pradaria: Conjunto de prados relativamente próximos uns dos outros. Região plana ou ondulada recoberta principalmente por gramíneas altas; planície;
* Veredas de buriti: é um tipo de vegetação com a palmeira arbórea Mauritia flexuosa (buriti) emergente, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas;

**Viagem à Província de Goiás**: (pág.21)

* Pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas: vegetação do tipo rasteira, típicas do cerrado;
* Ervas e subarbustos: Planta folhosa, espermatófita, anual, bianual ou perene, que conserva o caule sempre verde e tenro, ao contrário do lenhoso (árvores e arbustos). Subarbustos; Planta baixa, cuja parte aérea é anual, embora lignificada, e cuja parte subterrânea, em geral mais possante, é perene, e refaz a aérea na época favorável ao crescimento. (É planta característica da vegetação campestre, submetida anualmente a uma estação seca.);
* Gramíneas: são uma família de plantas com folhas semelhantes a lâminas. A maioria tem caule oco e muitas raízes ramificadas. A grama verde encontrada em jardins, a que cresce em campos, os cereais e os bambus pertencem à família das gramíneas;

No 8º e 9º ano do ensino fundamental II, de todos os conteúdos abordados se seguem alguns: [Formação histórico-cultural do território brasileiro](https://azup.com.br/exercicios/exercicio-sobreformacao-historico-cultural-do-territorio-brasileiro-7-ano/), Colonização de exploração e povoamento: América e [Localização: regionalização e características do espaço natural](https://azup.com.br/exercicios/exercicios-de-localizacao-regionalizacao-e-caracteristicas-do-espaco-natural/). Diante desses temas, temos:

**Vidas Em Obras: Bernardo Élis:** (pág.19)

* Chegada de um General a Vila Boa: é a designação geral de um oficial do círculo dos Oficiais Generais nas forças armadas da maioria dos países, no caso de Vila Boa, General ou figura de poder que se estabeleceu na atual Cidade Goiás na era do ciclo do ouro;
* Capitania: foi o nome da divisão administrativa primeiramente adotada no Brasil pelos colonizadores portugueses. As capitanias deram origem às províncias e, mais tarde, aos estados brasileiros;
* Território Novo: Espaço cuja ocupação ainda é desconhecida ou ainda não foi feita;

**Anhanguera, o Diabo de Botas**: (pág.20)

* Diabo velho e calçudo: nome dado pelos índios a Bartolomeu Bueno o “Anhanguera”, em detrimento das grandes ameaças que o mesmo apresentava para as tribos que ali residiam, e para toda vegetação, uma vez que o mesmo, tinha objetivo de explorar a área.;
* Fogaréu que há de arrasar: alusão dada aos índios por Bartolomeu Bueno ao se enfurecer com sua resistência da tribo Gyazes, os ameaçando e tacando-lhes fogo;
* Bugres: Nome depreciativo usado pelos europeus para se referirem aos indígenas brasileiros. Denominação pejorativa e preconceituosa atribuída aos indígenas por serem tidos como selvagens, rudes, incivilizados e hereges;
* Anhanguera: significa "diabo velho", e foi o apelido dado a Bartolomeu Bueno da Silva, um aventureiro português, nascido na capitania de São Paulo. Quando ele desbrava o interior brasileiro, se deparou com alguns índios e os obrigou a mostrar onde poderia encontrar ouro;
* **Xambioá, paz e guerra:** (pág.20)
* Forno de Carvão: estrutura geralmente feita de barro para o cozimento dos alimentos. Os fornos de
* boca eram utilizados para assar biscoitos e carnes;
* Morando tudo numa tolda: Cobertura, geralmente de lona, que se coloca sobre porta, varanda etc., a fim de servir de abrigo contra a chuva ou o sol. Novos moradores as terras cerandeses, que se abrigaram sobre a tolda;

 Os referidos tópicos abordam apenas alguns exemplos de fragmentos poéticos voltados para o cerrado e que correspondem a ciência geográfica, objeto que se trata esse TCC, demonstrando uma metodologia para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. O material que foi trabalhado até o presente momento, tem como um dos objetivos, de ensinar Geografia de uma maneira mais interessante para os alunos, fazer com que essa ciência enquanto disciplina, se torne um espaço de materialização construído pelos discentes, espaço esse, rico, abstrato e inteligível, que nele e através dele, se possa criar conexões com aquilo que se lê e com a aquilo que é inerente a psique humana de maneira individual, ou seja, permitir que os alunos além de compreender cada termo lido, que os mesmos possam atravessar na interpretação de daquilo que se lê, que cada um possa da sua maneira criar conexões com o imaginário que a literatura permitir, através dos contos, poemas, crônicas, romance, dentre outros. Estabelecendo um retrato fidedigno do cerrado em sua mente, dessa forma, teremos certeza que todo conhecimento adquirido não será em vão, que não vai se exaurir após um tempo.

 Em sala de aula, no que se refere ao Ensino Fundamental II, o Professor usará como material para o método aplicado, obras literárias regionalistas, como já apresentado no tópico anterior, a literatura como ferramenta de ensino-aprendizagem para ensinar tudo que se destina ao Cerrado em sala de aula. Todavia, ao invés de usar apenas fragmentos, será abordado, usado e lido toda conjuntura que se constituem desde de contos a poemas no ensino de Geografia, ou seja, na aula que se destina o ensino de Climatologia, por exemplo, será pedido aos alunos que leiam o poema que contem fragmentos que acometem ao clima do Cerrado, e dessa forma enquanto o poema é lido, pausadamente no verso que conter o termo relacionado ao clima, então ele será destacado, explicado e dialogado e sendo também, abordando em que contexto esse fragmento se encontra no poema e na época em que foi ele fora escrito.

**Considerações Finais**

 O tema é uma unificação entre Geografia e Literatura que tem como motivador o cenário do bioma cerrado. O tema foi escolhido por alguns motivos, dos quais; a admiração e o amor pela geografia às literaturas clássicas brasileiras, não poderia me recursar á tamanho apreço e significância, em unir duas partes integrantes e tão importantes que é a geografia e a literatura. Ainda dentre as motivações, se encontra a preocupação despertada diante das observações acerca da forma pela qual, o Ensino de Geografia é efetuado no ensino básico. Diante disso e sobre minha própria experiência ao passar por essa etapa em um passado recente, é notável, que os docentes dessa área do conhecimento, em sua grande parte, utilizam como metodologia meramente as aulas expositivas o que é o mínimo a se fazer, porém, esse tipo de método quando utilizado sozinho, já não mais atrai os alunos para a busca do conhecimento e muito menos, para sua compreensão, analise crítica, não instiga ao questionamento, há dúvida, não aproxima esse aluno ao conteúdo aplicado com sua realidade de vida.

Sendo assim, é necessário que o Professor se reinvente, compreenda que a Educação Tradicional que outrora ainda se manifesta na Educação Nacional em toda sua conjuntura, já não pode mais fazer parte da realidade atual, sendo imprescindível que esse profissional tome toda a carga que se estabelece em termo de ensino-aprendizagem de forma real e palpável, colocado os alunos como parte integrante e fundamental desse processo.

 Essa proposta metodológica ora apresentada é um caminho para ensinar geografia por meio da poetização dos conteúdos, principalmente nas series que se trabalha as questões físicas e os fenômenos que integram e interagem na região. Despertando nos alunos, o sentimento pelo acolhimento, pertencimento, e assim, gerar um produto regado de emoções e sensibilidade, por um fenômeno de ordem geográfica.

 A construção de histórias, poemas, contos, crônicas, tornarão a sala de aula um espaço mais humanizado e mais palpável, com alunos que ao sentir-se pertencidos, conceberão produtos carregados de criatividade e conhecimento, fruto de produções próprias. Ao construir esse tipo de produção, o aluno seguirá todas as etapas que constituem uma percepção daquilo que se lê e espera, fazendo com que o mesmo, tenha o entendimento correto acerca do conteúdo aplicado, dialogando, questionando e refletindo, para que dessa forma, sua interpretação seja rica e absorvida, dando um ponta pé inicial para produções próprias.

 Partindo dos pressupostos apresentados pelos autores, poderá ser perceptível um ambiente mais vivo e bem representado por aqueles que não se limitaram em ser meros expectadores de uma aula, mas de uma equipe que através dessa nova metodologia foram despertados e desafiados a irem há lugares e ambientes além dos muros da escola, através do veículo da imaginação, e que não somente foram a esses lugares, mas para além disso, conseguiram conceber frutos próprios se tornando assim, parte integrante e fundamental do processo de ensino-aprendizagem.

 Nesse sentido, o paradigma tão fundido e negado por boa parte dos docentes de que as aulas expositivas são suficientes, de que o Professor no centro do processo é o ideal e que os alunos são meros expectadores ou depósitos de teorias e conhecimentos, é nessa nova metodologia, constado o oposto, é apresentado que o aluno é uma parte fundamental neste processo, senão o mais importante, a onde as aulas meramente expositivas já não são mais interessantes e atraente, não conseguem chegar ao êxito, sendo assim essa metodologia será capaz de reverter essa tendência, uma vez que os discentes passam a ser o centro da atenção e do processo.

**Referências:**

ALBUQUERQUE, Ana. SILVA, Aliomar. **Agricultura Tropical: Quatro décadas de inovações tecnológicas, institucionais e Políticas.** Embrapa Informação Tecnológica, Vol. 2; Brasília 2008.

ALMEIDA, Maria. **Cultura Ecológica e Biodiversidade.** Revista de Geografia UFC; Mercator 2002/2003

BARBOSA, Altair. **Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do Cerrado**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002.

BOTELHO, Rosangela. FERREIRA, M. N. T**erritório e Meio Ambiente**. IBGE, 2004.

BARBOSA, Altair Sales; SCHMITZ, Pedro Ignánacio; NETO, Antônio Teixeira; GOMES, Horieste. **O Piar da Juriti Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado**, Ed. PUC Goiás, Goiânia: 2014, 392 p.

BRUNA, Jaime. Horácio - **A Poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino**. Cultrix, 1981.

BRAGA, Rhalf. **O Espaço Geográfico: Um esforço de definição**. Geousp - espaço e tempo. São Paulo, 2007.

BRITTO, Clovis. **A estética dos becos em Cora Coralina ou “Um modo diferente de contar velhas estórias”**. Est.lit.bras.comtemp. Brasília, 2013.

BERNARDES, Carmo. **Perpetinha: um drama nos babaçuais**. Cepra/ufg. Goiânia, 1991.

BRITO, Clóvis; SEDA, Rita. **Cora Coralina: Raízes de Aninha**. III Edição - CIP. São Paulo, 2009.

BNCC- **Base Nacional Comum Curricular**, Ministério da Educação - 2017.

CHAVEIRO, Eguimar. **A Dimensão literária de Geografia e a Dimensão Política da Literatura: a mesma face de uma reflexão múltipla**. Revista GeoNordeste; 2020.

CORRÊA, Roberto. **Espaço: um conceito-chave da geografia. Geografia: Conceitos e Temas.** 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

CASSAB, Clarice. **Epistemologia do Espaço na Obra de Milton Santos: breve panorama**. Geografias. Belo Horizonte, 2008.

CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto. **Geografia: conceitos e temas.** 2 ed. Bertrand Brasil, 2000.

CYNTRÃO, Sylvia. **Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea.** Caleidoscópio de em arte pesquisa e performance. 2017.

CURADO, Bento. Tese: **Inventário das Cinzas: Brasas Dormentes da Produção Literária sobre o Cerrado em Goiás.** Goiânia, 2016 – UFG.

CORALINA, Cora. **Meu Livro de Cordel.** 1 edição digitada. São Paulo, 2012.

D’AVILA, Fábio; SANTOS, Dantom. **Literatura Pré-Vestibular**. Iesde Brasil S.A. Curitiba-2008.

EITEN, G. **Formas fisionômicas do Cerrado. Revista Brasileira de Botânica.** v. 2, n. 2, p. 139-148, São Paulo, 1979.

ÉLIS. Bernardo. **Ermos e Gerais**. Ed, Luiz Gonzaga: Martins Fontes. 2005.

ÉLIS, Bernardo. **Marechal Xavier Curado**. R & F. Goiânia, 2005.

ÉLIS, Bernardo. **Vida em Obras**. Agepel: Instituto Centro Brasileiro de Cultura. Goiânia, 2005.

FALEIRO, F. G.; FARIAS NETO, A. L. de (Ed.). **Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais.** DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

FILGUEIRA, Adriane. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas.** UFRJ – 1998.

GOTTSBERGER, Ilse. **O Cerrado com potencial de Plantas Medicinais e de Plantas Toxicas.** VII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil. Belo Horizonte, 1982.

GUIMARÃES, Fabio. **O Planalto Central e o Problema da Mudança da Capital do Brasil.** Revista Brasileira de Geografia. 1949.

GOMES, Leny; LAMPERT, Livia; BRUM, Rul. **Veredas do Grande Sertão: Linguagens, Interações e Hipertexto.** UniRitter- Porto Alegre, 2009-2012.

HARVEY, David. **O Espaço como Palavra-Chave.** Universidade de Nova York. Traduzido para o Português em 2007 pela editora Boietempo. São Paulo-2007.

LOILA, Adão. SILVA, Adelice. **FARMACOPEIA POPULAR DO CERRADO**. 1ª edição – 1ª reimpressão, 2010 Goiás.

LIMA, Josiel. **A contradição entre o sentimento de país do futuro e a realidade periférica nas primeiras obras literárias de ficção cientifica brasileira.**  Anpuh; Recife-2019.

MARQUES, Marcos; SANTOS, Matheus. **O espaço na Geografia de Milton Santos.** XIX Encontro Nacional de Geógrafos. Paraiba-2018.

MACHADO, Ricardo; AGUIAR, Ludmila; CASTRO, Antônio; NOGUEIRA, Cristiano; NETO, Mário. **Caracterização da Fauna e Flora do Cerrado.** Cerrado II Simpósio, 2008.

MMA: **Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado.** Brasília, 2010.

MORANDI, Daniela. **Delimitação de Corredores Ecológicos entre Unidades de Conservação no Cerrado Brasileiro**. UFM-Minas Gerais; 2018.

MONTALVÃO, Laise. **A poesia e sua Influência no Processo de Enleitramento.** Universidade Federal da Bahia. 2016.

OLIVEIRA, Antônio. **O Mundo Rural na Literatura Regional de Goiás e Tocantins.** Baru, Goiânia, 2016.

OLIVEIRA. Luiz. **Teoria da Literatura II**. Universidade Federal de Sergipe; São Cristóvão, 2009.

RIBEIRO, José. WALTER, Bruno. **Fitofisionomias do Bioma Cerrado.** Embrapa Cerrados p 89-166, Planaltina, 1998.

RIBEIRO, J. F; WALTER, B. M. T. **As Principais Fitofisionomias do Bioma Cerrado**. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de; RIBEIRO, J. F. (Ed.). Cerrado: ecologia e flora v. 2. Brasília: EMBRAPA-CERRADOS, 2008. 876 p.

Revista da UBE-GO/ **União Brasileira de Escritores – GO.** N. 06; ED. Vieira – 2018.

Revista AFLAG/ **Academia Feminina de Letra e Artes de Goiás.** BRITO, Elizabeth. N.8. 2017/2018 - Goiânia.

ROCHA, Joana. **Dinâmica de ocupação no Bioma Cerrado:** **Caracterização dos Desmatamentos e Análise das Frentes de Expansão.** Universidade Federal de Goiás; 2012.

SANTOS, Eduardo; MARTINS, Renato; MENDES, Idelvone; LARANJA, Ruth. **Visão Ambiental do Subsistema Vereda na Microrregião de Catalão (GO)**. Espaço em Revista – 2013.

SETTE. Denise. **Os climas do Cerrado no Centro-Oeste. Revista Brasileira de Climatologia,** Vol 1. 2005.

SOUSA, Jaily. **A Devastação do Cerrado como Consequência da Exploração do Agronegócio.** Consórcio Setentrional de Educação à Distância de Brasília e Universidade Estadual de Goiás. Brasília 2012

SILVA, José. **O Progresso como Categoria de Entendimento Histórico: Um Estudo de Caso sobre a Modernização da Cidade de Anápolis-GO (1930-1957).** UFG-2014.

SANTOS. Milton. **Pensando o espaço do homem.** Hucitec. São Paulo, 1982.

STANISK Adelita, KUNDLATSCH Cesar, PIREHOWSKI Dariane. **O conceito de Lugar e suas Diferentes abordagens. Revista Perspectiva Geográfica** - Unioeste. V.9, 2014.

SILVA, Lorena; PEREIRA, Robson. **O Cerrado de Saint-Hilaire: as representações Naturalistas de um Viajante do século XIX**. Ed. Especial, 2016.

TEIXEIRA, Dainay. **O Sertão de Goiás na Literatura de Viagem. Revista Mosaico** – UFT, Tocantins – 2013

TORO. Mariana. **A produção do Espaço e suas Contradições Possibilidades para a Construção de Novos Caminhos**. REH v. 4, n.1 - Rio de Janeiro 2015

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura e Metodologias dos estudos literários**. Martins Fontes; São Paulo-2013.

 ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I.** Iesde Brasil S.A; Curitiba-2009.